

Larissa Schip
Artista visual,
Mestre em Artes
Visuais pelo
Programa de Pós-
graduação em Artes
da Universidade
Federal de Pelotas
(UFPel) e Licenciada
em Artes Visuais
pela Faculdade de
Artes do Paraná
(FAP/UNESPAR),
larissaschipf@
gmail.com

Mostra CineVersatil. Pessoas migrantes e refugiadas LGBTQI+

CineVersatil *Personas migrantes y refugiadas LGBTQIQ*

Resumo: Esta resenha discorre sobre a *Mostra de Curtas Cineversatil – Festival Internacional de Cortometrajes sobre Diversidad – Argentina/Venezuela*, exibida no dia 18 de novembro de 2022, como parte das atividades o *VII SIGAM, Simpósio Internacional de Género Arte e Memória: Esperança como potência de resistência*, organizado pelo grupo de pesquisa Caixa de Pandora, na Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

Palavras-chave: CineVersatil, curta-metragens, cinema, diversidade sexual e de gênero.

Resumen: Esta reseña presenta la *Mostra de Curtas Cineversatil – Festival Internacional de Cortometrajes sobre Diversidad – Argentina/Venezuela*, que se exhibió el 18 de noviembre de 2022, como parte de las actividades del *VII SIGAM, Simpósio Internacional Arte y Memoria de Género: La esperanza como poder de resistencia*, organizado por el grupo de investigación *Caja de Pandora*, en la *Universidad Federal de Pelotas – UFPel*.

Palabras clave: *CineVersatil, cortometrajes, cine, diversidad sexual y de género.*

Olhávamos o Pacífico e eu citava Deleuze: “O mar é como o cinema, uma imagem em movimento”. Você dizia: “Não se faça de intelectual, machinho. A única imagem em movimento é o amor”. “Necrológio aos berros para Pedro Lemebel”, Paul B. Preciado, 2015.

A *Mostra de Curtas Cineversatil – Festival Internacional de Cortometrajes sobre Diversidad – Argentina/Venezuela*¹, realizada com a curadoria de José Alírio Penã, criador e diretor do festival, e organização de Rosângela Fachel, foi exibida no dia 18 de novembro de 2022, como parte das atividades o *VII SIGAM, Simpósio Internacional de Género Arte e Memória: Esperança como potência de resistência*, organizado pelo grupo de pesquisa Caixa de Pandora, na Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Evento pautado pelo desejo de oportunizar o debate dos pensamentos feministas de maneira interseccional a partir das interações entre mulheres, povos indígenas, negritude, pessoas LGBTQIA+ e movimentos ecológicos, enquanto fundamentos para a construção de coexistências harmônicas e de possíveis futuros de equidade.

O festival Cineversatil nasceu na Venezuela, em 2011, sendo por sete anos o segundo evento cinematográfico mais midiático do país, em 2018, radicou-se na Argentina, em Buenos Aires, apostando no formato dos curta-metragens. Em 2019, o festival foi realizado em dois importantes espaços culturais da capital argentina: o Espaço INCAA Quilmes e o Centro Cultural Recoleta, onde foram exibidas produções nacionais e internacionais e foram recebidos seus convidados internacionais. Devido à pandemia de COVID 19, as edições de 2020

[1] A história do festival e de todas as suas edições anteriores e posteriores pode ser conhecida no site oficial do evento: <https://cineversatil.com/>

e 2021 foram realizadas *online*. Chegando à sua décima segunda edição em 2022, o festival aconteceu de maneira híbrida - presencial e online - e teve como tema a questão da Mobilidade Humana LGBTQ+ (Figura 1), buscando visibilizar as experiências de pessoas LGBTQ+ migrantes e refugiadas em contextos hostis e esperançosos.

Figura 1: Arte de divulgação do 12º CINEVERSATIL (2022)



Fonte: Disponível no site do festival
<https://cineversatil.com/poster-y-spot-2022/>

A *Mostra de Curtas Cineversatil* apresentou um recorte da edição de 2022, exibindo sete curtas, de diferentes gêneros cinematográficos, oriundos de seis diferentes países. Os curtas, como o nome do festival indica, tratam a respeito de questões de diversidade sexual e de gênero, que nessa edição específica foi atravessada por diferentes contextos de mobilidade humana. Porém, mais do que contar histórias que interseccionam questões de diversidade sexual e de gênero à necessidade de mobilidade humana, encontramos nessa seleção narrativas que nos convidam a refletir sobre as relações in-

terpessoais de afeto – assistimos ao amor que interpela de maneiras distintas a uma série de personagens sensíveis, causando diferentes identificações a quem assiste. Em grande parte das histórias, os sentimentos que atingem as personagens são descobertos no decorrer da trama e, nesse sentido, somos nós também atingidos simultaneamente.

Em *Copi* (Brasil, 2020, 18'47''), de André Gevaerd (Figura 2), assistimos o encontro entre Renê, um homem cis, hétero, branco e solitário, brasileiro, que trabalha na recepção de um hotel em Camboriú – SC, com Copi, uma travesti argentina, artista e trabalhadora sexual que se radicou no Brasil. O curta mostra um recorte inusitado da atrativa e caótica cidade turística de Camboriú, descrita por Renê como um inferno no verão. Em perspectiva bastante diferente do que seria esperado por quem conhece Camboriú, famosa por suas praias cheias de veranistas, no curta não há uma história de veraneio nem mesmo há o protagonismo do mar, mas há um movimento de amor fraterno. Assistimos a um outro lado da cidade, com hotéis que são pontos de encontro entre trabalhadoras sexuais e clientes. Renê que parece julgar todas as pessoas naquele contexto, a princípio não gosta de Copi. No entanto, em um segundo momento, ao contrário do que o senso comum nos levaria a esperar, esse encontro apresenta uma amizade sendo construída, a qual no entanto será bruscamente interrompida por uma tragédia.

Figura 2: Pôster de divulgação de *Copi*



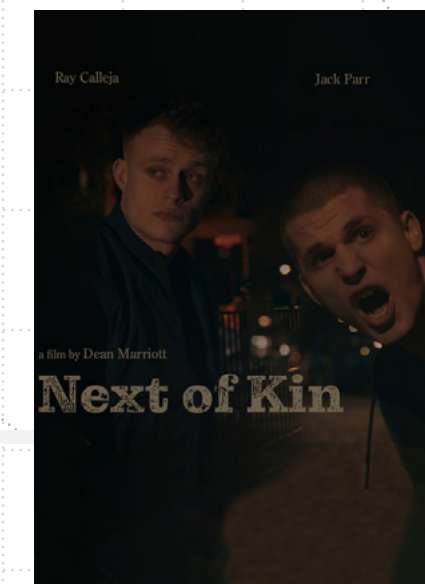
Fonte: Disponível no site do festival
<https://cineversatil.com/poster-y-spot-2022/>

Em um encontro de línguas, entre o espanhol de *Copi* e o português de Renê, as personagens conversam, bebem, fumam e dançam. A identificação promovida pelo curta se dá pelo fato de que não precisamos ser uma travesti trabalhadora sexual e nem tampouco ser esse cara padrão para sermos atingidos pelo espelhamento do sentimento de solidão e pela sensação da construção de uma amizade. Acompanhamos cada momento dessa construção e podemos sentir os afetos trocados que legitimam essa relação, estabelecendo-se assim uma sintonia entre quem assiste e os sentimentos que são apresentados pelas personagens da narrativa.

Diferente do que ocorre em *Parente mais próximo* (*Next of Kin*, Alemanha, 2020, 11'23''), de Dean Marriott (Figura 3), nos é apresentada a história de um casal de homens jovens, Ben e Jameson, que recentemente se mudaram para Berlim, na Alemanha. O casal é surpreendido pela descoberta de um tumor no cérebro de Ben. Sozinhos em Berlim, ocultando de suas famílias seu relacionamento, Jameson precisa lidar com a dor de perder seu parceiro e de ser invisibiliza-

do pela lógica cisheteronormativa de exclusão social, legal e judicial dos relacionamentos homossexuais. Conforme Jack Halberstam, “A lógica capitalista descreve o homossexual como inautêntico e irreal, como inapto para um amor apropriado e incapaz de fazer as conexões adequadas entre socialidade, relacionamento, família, sexo, desejo e consumo.” (Halberstam, p.141, 2020) Essa deslegitimação imposta pelo Estado, vai em sentido contrário do que observamos, o afeto de Ben e Jameson fica evidente a quem assiste o curta. Assim como em *Copi*, somos atingidos pelo sentimento de solidão, que é enfatizada pela narrativa das personagens que carregam fotografias de seus amores, temos um recurso para a memória, uma narrativa do não esquecer, histórias que são estrategicamente apagadas em nossa sociedade heteropatriarcal. “A memória é, em si, um mecanismo disciplinar que Foucault denomina “um ritual de poder”; ela seleciona o que é importante (as histórias de triunfos), ela lê uma narrativa contínua a partir de rupturas e contradições e estabelece precedentes para outras “memorializações”. (Halberstam, p.38, 2020)

Figura 3: Pôster do filme *Parente mais próximo*



Fonte: Disponível no site do festival
<https://cineversatil.com/poster-y-spot-2022/>

Em *Crypsis* (Reino Unido, 2019, 9'02"), de Chris McGill (Figura 4), o registro fotográfico não aparece como memórias de afetos, mas sim como uma ferramenta para a comprovação da sexualidade dissidente do protagonista, que está reivindicando asilo político, por conta da perseguição em seu país a pessoas homossexuais. Assim, o curta apresenta uma narrativa de constante tensão. Um homem negro, que busca por asilo para escapar do perigo de morte que vive em seu país por ser homossexual, é interrogado por pessoas que duvidam não apenas de seu relato, sobre a violência sofrida por conta de ser homossexual, mas também de sua própria sexualidade, enquanto ele afirma que corre perigo. A tensão é reforçada pela câmera em close na boca da interrogadora e pelas marcas no corpo do protagonista. Apesar de não termos acesso à plenitude de sua história, podemos sentir o peso de seu passado traumático, graças à presença de cenas em flashback, que recriam o episódio de violência por meio da perspectiva de sua visão turva e dos sons de sirene em sua cabeça, a procura de ar para respirar. Assim, enquanto encontramos em *Parente mais próximo* a mudança voluntária de Jameson e Ben para Berlim, onde podem viver a plenitude de seu relacionamento longe dos olhares de suas famílias, em *Crypsis* há uma busca por asilo. A fuga é uma ação recorrente nessa mostra. Seja para escapar de violências ou por uma escolha de vida, o ato de ir se mostra presente em mais dois curtas.

Figura 4: Pôster do filme *Crypsis*



Fonte: Disponível no site do festival
<https://cineversatil.com/poster-y-spot-2022/>

Sobre nossas cabeças (Brasil, 2020, 14'59"), de Susan Calik e Thiago Gomes (Figura 5), se diferencia de toda a mostra com seu clima de ficção científica, porém como os outros curtas, estabelece causas sociais, que não nos deixam escapar para um mundo irreal. O curta vai nos dando pistas de sua narrativa, como a fala da locutora da rádio que se escuta no interior do carro, onde se encontram as duas personagens - Cícero e Xandi, no começo da narrativa, que diz: "Fique com a gente porque essa noite é especial. Para você que viveu um grande amor e que ainda sente saudades" (Transcrito do filme).

Figura 5: Pôster do filme *Sobre nossas cabeças*



Fonte: Disponível no site do festival
<https://cineversatil.com/poster-y-spot-2022/>

Seguimos com dois jovens, que saem nesta noite para realizar uma vigília de observação de ovnis (objetos voadores não identificados) em uma antiga fazenda colonial, na qual, como comentam as personagens, houve o cultivo de açúcar e de café, ciclos de produção que nos remetem ao período escravagista da história do Brasil. Cícero, um jovem negro, escuta as explicações de Xandi, um jovem branco, sobre o reconhecimento de ovnis, porém isto parece ser só um pano de fundo para acabar com o afastamento entre os dois. Ao assistirmos a narrativa vamos descobrindo outras narrativas anteriores: Cícero, o rapaz cético, perdeu seu irmão para o ódio racial; e Xandi, que nutria pelo jovem assassinado mais do que uma amizade, busca agora proteger a vida de Cícero para que não lhe passe o mesmo, pois como afirma para convencê-lo a fugir do planeta, resumindo sua aflição em relação à segurança de Cícero, à constatação: “Você é negro!” (Transcrito do filme). Mas o desejo de fuga forçada, em nome de um salvamento, é repellido por Cícero, que pensa diferente, ele não quer ir embora e sua escolha por ficar se dá em nome da busca por justiça.

Poderíamos centralizar nossa leitura da mostra nas questões referentes às possibilidades de fala das comunidades minorizadas, pensar sobre o ativismo, ou sobre o registro de violências em vidas que são estrategicamente invisibilizadas. Porém, como declarei no começo desse texto, quando assisti aos curtas a ideia de amor me pareceu mais pertinente. Mesmo a ideia de Xandi, talvez errônea, de promover um salvamento, se justifica por conta do amor que sente por Cícero e do medo de que ele tenha o mesmo fim do irmão. A fuga acaba por ser um elemento recorrente para as pessoas que pertencem a comunidades minorizadas, em meio a sociedades onde não lhes é permitido a liberdade de ser quem são.

Ainda que a fuga seja uma estratégia forçada, podemos enten-

der a fuga como a busca por um por vir, um desejo, uma coragem, uma escolha, como vemos em *Primavera no outono* (*Spring in Autumn*, Rússia/Irã, 2021, 7’) de Ghasideh Golmakani, (Figura 6). O curta começa com uma sentença: “No Irã as mulheres não podem assistir a um jogo.” (Transcrito do filme) Temos uma narrativa epistolar, com duas narrativas acontecendo simultaneamente, uma mulher que viaja em um trem e seu marido lendo a carta escrita por ela, na qual ela conta da sua ligação com uma amiga na infância, lembrando que não lhe era permitido jogar futebol ou ir a um estádio ver seu time jogar. Recordações que a fazem lembrar da primeira vez que seu pai bateu nela e que não foi a única. E de como, já na vida adulta, foi à copa do mundo da Rússia, onde pode assistir seu time, longe de seu país, e também pode dançar e ter experiências amorosas com mulheres. Mas ela relata ao marido que após essa experiência, tentou voltar ao “normal”, um normal que se refere à heteronormatividade e a uma cultura cruel à personagem, porém falhou. E decidida, ela parte novamente, celebrando sua liberdade.

Figura 6: Pôster do filme *Primavera no outono*



Fonte: Disponível no site do festival <https://cineversatil.com/poster-y-spot-2022/>

A mostra que, para mim, fala de amor, discorre sobre diferentes relações interpessoais que são atravessadas pela experiência da migração, desejada ou necessitada. No entanto, fica evidente que em *Primavera no outono*, a narrativa está falando sobre amor próprio. bell hooks, em *Tudo sobre o amor*, fala que amar é ato de vontade, que implica escolha, uma decisão com intenção. Amor não é apenas um sentimento, é uma ação, que se expressa amando. Pois o desejo de amar não é amor, é vontade de promover o próprio crescimento ou de outra pessoa.

Nessa mesma sintonia, *Me chame de puta* (*Llamame puta*, México, 2021, 11'23) de Digcy Mejias (Figura 7), reflete o amor de si em contraste com a nossa sociedade necropolítica. Diferentemente dos outros curtas, esse é um documentário, que mostra um pouco da rotina de Sarah, mulher trans venezuelana, trabalhadora sexual. Muito além de relatar seu trabalho, a narrativa escolhe apresentar-nos sua rotina de cuidado pessoal, a base de sua alimentação, a prática de exercícios físicos, destacando que essa rotina, somente passou a ser possível em sua vida adulta, quando Sarah tem a possibilidade de agência, de encontrar meios para se ser quem é. O curta também apresenta Natalia, que vive em situação análoga a Sarah, mostrando um diálogo que desvela como mulheres trans sobrevivem historicamente com o trabalho sexual, o que levanta o questionamento a respeito desses corpos, que dizem não ser desejados. Elas declaram o desejo de ressignificar o trabalho sexual, o sonho de ter direitos trabalhistas. E imaginam um mundo ideal, onde as mulheres trans não fossem as mais assassinadas na América Latina, onde pessoas trans pudessem viver de outra forma, tendo projeto de vida e sendo amadas, deixando de apenas contar histórias de violência.

Figura 7: Pôster do filme *Me chame de puta*



Fonte: Disponível no site do festival <https://cineversatil.com/poster-y-spot-2022/>

Diante dessa mostra, que carrega diversos sentimentos, entre a felicidade que sentimos em ver as relações estabelecidas pelas personagens e a dor de assistir às violências que as atingem, decidi falar por último de *Pensador* (*Pensadero*, Argentina, 2022, 14'59), de Matías Dinardo (Figura 8), acelerado e caótico, o curta - como o próprio protagonista descreve sobre sua vida - às vezes parece uma comédia romântica. Adentramos a cabeça de Marcos, escutando seus pensamentos por meio de uma voz em off, que nos permite conhecer sua mente ansiosa em uma sequência desenfreada de temas, enquanto repetidamente ele diz a si mesmo para se concentrar. A personagem tenta realizar um trâmite para conseguir uma cidadania, enquanto lida com o fim de um relacionamento. Aqui as fotos, os objetos e memórias, são um acúmulo, Marcos não sabe o que fazer com o que restou do relacionamento. Tudo fica mais complicado quando começa a ter desejos por Galo, um jovem que encontra acidentalmente por diversas vezes. Sem saber lidar com os sentimentos que o atingem e lidando com a surpresa de se interessar por outro homem, em um não sa-

ber como demonstrar esse interesse, se achando um idiota, refletindo sobre a possibilidade de ser gay e os problemas que isso traria. No entanto, sem o peso de uma narrativa dramática, temos o divertido e leve clima de comédia romântica. O curta apresenta inúmeras situações nas quais podemos nos identificar, seja pelas características atrapalhadas, pelas imprevisibilidades diárias ou pelo medo que sente Marcos de que Galo escute seus pensamentos. Demonstrando um êxtase, observamos um imaginário de inquietações, medos e obstáculos que relacionamentos podem trazer aos nossos pensamentos, quando ironicamente temos o despertar da felicidade, que se traduz em viver seguindo a própria liberdade, escolhendo amar.

Figura 8: Pôster do filme *Pensador*



Fonte: Disponível no site do festival
<https://cineversatil.com/poster-y-spot-2022/>

O conjunto formado pelos curtas da mostra desvela a diversidade que é buscada e promovidas pelo próprio festival - CineVersatil - apresentando histórias oriundas de diferentes contextos, países e culturas, faladas em diferentes idiomas e incorporadas por diferentes corporalidades, que nos comovem pela especificidade de cada

história, convidando-nos à empatia por cada uma das personagens e por suas diferentes histórias e vivências, sentimento que nos mobiliza coletivamente em prol dos direitos civis e de sua equidade para todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Elefante, 2021

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020

PRECIADO, Paul B. *Necrológio aos berros para Pedro Lemebel*. In: **Um apartamento em Urano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020